
SOBRE TRADIÇÕES CULTURAIS, FOLGUEDOS E PAPANGUS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CUMBE

SOBRE TRADICIONES CULTURALES, FIESTAS POPULARES Y PAPANGUS EN LA
COMUNIDAD QUILOMBOLA DE CUMBE

ABOUT CULTURAL TRADITIONS, FUN AND PPANGUS IN THE QUILOMBOLA
COMMUNITY OF CUMBE

Ozaias da Silva Rodrigues¹

<https://orcid.org/0000-0003-2834-4318>

<http://lattes.cnpq.br/3243829193502788>

RESUMO: A presente discussão trata de tradições culturais, em suas permanências e rupturas, ao longo do tempo e das gerações na comunidade quilombola do Cumbe, em Aracati/CE. Sabemos que toda etnicidade tem seus aspectos identitários e políticos privilegiados no jogo das relações entre grupos étnicos distintos e nesse jogo as tradições culturais desempenham papel relevante. Tendo isso em vista, a partir de minha pesquisa de campo na referida comunidade, entre 2022 e 2023, analiso as falas de interlocutores/as que descrevem, minuciosamente, as mudanças culturais nessa dada comunidade quilombola, sobretudo no que tange às tradições locais, bem como as memórias sobre os carnavais, festas e danças, com destaque para a atuação dos papangus. A partir do que Hobsbawm (1997) escreve sobre as invenções das tradições, percebe-se que as questões postas por ele encontram eco nas tradições, memórias e histórias que narro ao longo do artigo. Tradição tem a ver com passado e antiguidade, sempre tentando se manter, apesar da passagem dos tempos e das gerações.

Palavras-chave: Tradições culturais; Cumbe; Quilombolas; Papangus.

RESUMEN: La presente discusión aborda las tradiciones culturales, en sus permanencias y rupturas a lo largo del tiempo y las generaciones, en la comunidad quilombola de Cumbe, en Aracati/CE. Sabemos que cada etnicidad tiene sus aspectos identitarios y políticos privilegiados en el juego de las relaciones entre diferentes grupos étnicos, y en este juego, las tradiciones culturales desempeñan un papel relevante. Teniendo esto en cuenta, a partir de mi investigación de campo en dicha comunidad, entre 2022 y 2023, analizo las declaraciones de interlocutores/as que describen minuciosamente los cambios culturales en esta comunidad quilombola, especialmente en lo que respecta a las tradiciones locales, así como los recuerdos sobre los carnavales, fiestas y danzas, con énfasis en la

¹ Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professor substituto no Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Email: ozaias.rodrigues@ufmt.br

actuación de los papangus. Basándome en lo que Hobsbawm (1997) escribe sobre las invenciones de las tradiciones, se percibe que las cuestiones que él plantea encuentran eco en las tradiciones, recuerdos e historias que narro a lo largo del artículo. La tradición tiene que ver con el pasado y la antigüedad, siempre tratando de mantenerse a pesar del paso del tiempo y las generaciones.

Palabras clave: Tradiciones culturales; Cumbe; Quilombolas; Papangus.

ABSTRACT: This discussion addresses cultural traditions, both persistent and disruptive, over time and across generations in the Cumbe quilombola community in Aracati, CE. We know that every ethnicity has its own identity and political aspects, which are privileged in the interplay of relations between distinct ethnic groups, and in this interplay, cultural traditions play a significant role. With this in mind, based on my field research in the aforementioned community between 2022 and 2023, I analyze the accounts of interlocutors who describe in detail the cultural changes in this quilombola community, particularly with regard to local traditions, as well as memories of carnivals, festivals, and dances, with an emphasis on the activities of the papangus. From Hobsbawm's (1997) writings about the invention of traditions, we can see that the questions he raises are echoed in the traditions, memories and stories I narrative throughout this article. Tradition is related to the past and antiquity, always striving to maintain itself despite the passage of time and generations.

Keywords: Cultural traditions; Cumbe; Quilombolas; Papangus.



Imagem 1 - Exemplar de calunga feito por mestre Cheirim (Ozaias Rodrigues, acervo pessoal, 2022).

INTRODUÇÃO

O presente artigo deriva de minha pesquisa de doutorado em Antropologia Social, junto à comunidade quilombola-pesqueira do Cumbe, situada na zona rural do município de Aracati, no Ceará. Entre 2022 e 2023 fui algumas vezes a campo e morei alguns meses na comunidade. Uma das coisas que me propus a fazer na pesquisa de então era investigar o impacto da pandemia da Covid-19 a nível local, mas ir além dela, apontando a continuidade da vida (Autor, ano) quilombola naquele contexto e apesar dele. Nesse sentido, me propus a investigar outros aspectos culturais que julguei relevantes para além das estratégias individuais e coletivas de cuidado, no contexto pandêmico, a medicina tradicional local e as dificuldades socioeconômicas dessa população.

Um desses aspectos culturais que julgo ser importante, sobretudo para entendermos a comunidade do Cumbe como um todo, são as tradições culturais locais, como as danças e folguedos de antigamente, bem como as de hoje, com destaque especial para os papangus do Cumbe, que foram retomados pelos/as quilombolas há alguns anos. No primeiro tópico me baseio nas falas de Mestre Cheirim, representante dessas tradições mais antigas como os calungas e no segundo tópico, traço um panorama sobre os papangus do Cumbe a partir de várias entrevistas que fiz com interlocutores/as da pesquisa.

Logo, a presente discussão trata de tradições culturais, em suas permanências e rupturas, ao longo do tempo e das gerações na comunidade quilombola do Cumbe. Sabemos que toda etnicidade tem seus aspectos identitários e políticos privilegiados no jogo das relações entre grupos étnicos distintos, e nesse jogo, as tradições culturais desempenham papel relevante. Tendo isso em vista, a partir de minha pesquisa de campo, analiso as falas de interlocutores/as que descrevem, minuciosamente, as mudanças culturais nessa dada comunidade. Os registros fotográficos que fiz durante a pesquisa, me ajudaram a contar um pouco sobre as tradições culturais dos/as quilombolas do Cumbe e entendo-os como parte de meu relato escrito.

Tradição, folguedos e danças

Neste tópico disserto sobre o que estou chamando de mudanças culturais no Cumbe, portanto, há uma dimensão temporal que temos que ter em mente ao falar sobre o assunto e aqui recorro a Roberto Cardoso de Oliveira (2018) e a Eric Hobsbawn (1997) para manejar o

conceito de tradição em minha análise. De forma resumida, tradição é aquele todo cultural, vide o conceito polêmico e polissêmico de cultura em Laraia (2001), que dada sociedade herda e passa à frente, numa transmissão operada de geração em geração. É claro que cada geração se própria e reproduz a tradição de dada sociedade de uma forma específica, operando rupturas, reformulações e continuidades. É isso que estou chamando de tradição e que tem uma relação direta com o tempo (Oliveira, 2018; Hobsbawm, 1997)². É algo que veio antes de nós (passado), que chega até a nós (presente) e o repassamos à posteridade (futuro).

Começo pela narrativa do mestre Cheirim. Raimundo Gonzaga, mais conhecido como mestre Cheirim, é um hábil artesão, é pai, avô, gosta de contar histórias do passado do Cumbe e é um dos que fazem, na comunidade, calungas (bonecos/fantoches) e apresentação com os mesmos. A imagem 1, que abre esse artigo, é um registro fotográfico de um exemplar de calunga feito pelo mestre Cheirim. A reprodução dos calungas como tradição local se dá não apenas na contação de histórias, mas também na produção artesanal dos calungas.

Ao longo de sua entrevista, pautada numa análise diacrônica do que viveu no Cumbe, mestre Cheirim se vale muito de uma retórica de perda cultural, quando compara o passado com o presente. Ao mesmo tempo, ele nos fornece dados importantes como uma verdadeira testemunha ocular da história, ou seja, sua narrativa é preciosa por conseguir evidenciar não somente as perdas, mas também as mudanças, as reinvenções culturais e a retomada de certas tradições populares. Ele nos diz o seguinte:

Quando eu era pequeno eu trabalhei muito na agricultura³, pesquei, já fui pescador, agricultor, depois eu comecei no serviço de artesanato, também apresento o teatro de bonecos [calungas], com um sobrinho meu, criado como neto. Já fui pra um monte de canto, com os calungas. Quando eu era pequeno já tinha gente fazendo calunga, tinha muito apresentador e morreram tudinho. Dos calungueiros velhos não tem mais nenhum vivo. Eu via eles apresentando, naquele tempo eles botavam as empanadas, que era uns panos que botavam nas casas, na sala e se apresentava. Naquele tempo não tinha televisão, a diversão do pessoal era calunga e circo. Hoje não, já tem várias coisas que o pessoal se entretém mais. A gente ainda bota os calungas, se apresenta, sempre que é chamado. Era um pessoal de fora, mas era mais gente da comunidade. Era mais no final de semana, sábado e domingo que acontecia, que se apresentava. Naquele tempo muitos calungueiros deixaram os

² Esse texto de Oliveira é um caso específico, visto que ele analisa a própria antropologia e suas tradições intelectuais para pensar a relação entre tempo e tradição, aquilo que se herda e a partir do qual se constrói uma disciplina como ciência.

³ Algo que destaco de sua fala é uma das mudanças apontadas por vários/as interlocutores/as e que se refere às atividades econômicas, como a agricultura, que antigamente era predominante, mas hoje em dia é pouco praticada, sendo a pesca a atividade produtiva mais relevante para os/as quilombolas. A agricultura é quase sempre lembrada como um dado do passado e minha percepção disso sugere que isso ocorreu devido ao crescimento populacional da comunidade, que reduziu o número de terras disponíveis para isso, a privatização de áreas coletivas e a chegada de empreendimentos que se tornavam opções de trabalho local, mas também minaram a fertilidade e disponibilidade do solo para a agricultura, como é caso da CAGECE, do parque eólico e da carcinicultura. Sobre esses empreendimentos vide Autor, ano.

calungas se acabar, porque não ganhavam nada. Só ganhava pelas portarias [entrada], que o pessoal ajudava na hora de entrar. Hoje melhorou mais que a gente tem ajuda do governo. Já recebemos dois editais do governo. Sempre tem uma ajuda do governo para organizar o serviço da gente.

[...] Estudei até a quinta série. Fiz aqui mesmo, aprendi com uma professora daqui. Só que naquele tempo as escolas não eram como essas de agora. Era mais atrasada a escola. Os professores eram mais carrascos, judiavam da gente. Só que a gente aprendia. Eu aprendi muito. As escolas de hoje, se fosse no meu tempo, eu tinha aprendido muito mais. Hoje, você vai pra escola... mas hoje, o negócio está às avessas. De primeiro, quem mandava nos alunos eram os professores. Agora são os alunos que mandam nos professores. O professor não pode triscar [encostar] um dedo (Diálogo realizado em: 24/02/2022).

Ao falar da morte física dos calungueiros Cheirim deixa entrever que a mesma poderia significar a morte da tradição que eles representavam e vincula essa tradição ao custo-benefício de mantê-la, afirmando que hoje há incentivo do ‘governo’ (recursos públicos) para que a mesma de perpetue. Os calungas se apresentavam e ainda se apresentam dentro e fora da comunidade e era uma das opções de entretenimento de outrora. Hoje essa apresentação ocorre de forma esporádica, sobretudo em eventos. Os calungas do Cumbe já se apresentaram em vários lugares.

Além disso, ao comparar a escola de seu tempo e a de hoje ele é enfático ao demarcar a diferença na qualidade do ensino de ambas, bem como a diferença na relação entre professores e alunos. A educação do tempo de mestre Cheirim era uma educação rígida, onde a autoridade dos/as professores/as era absoluta. Ao mesmo tempo, a qualidade do ensino era menor, deixava a desejar, sobretudo quando comparada ao ensino de hoje, ensino no qual os/as professores não têm a mesma respeitabilidade de antes.

Dessa forma, há sempre um pró e um contra. O interessante em sua retórica da perda é que a passagem do tempo significou uma inversão das relações, portanto, alteraram-se as relações sociais e a consequência disso é a perda de tradições, como podemos ver no seguinte trecho em que Alonso, um de seus filhos contribuiu brevemente:

Cheirim: Carnaval também era muito animado. Nosso carnaval tinha um bloco, tinha o bloco dos papangus, trajado de máscara, eu trazia boi também. Tudo tinha aqui. Eu agora vou atrás, pra saber se eu boto um bloco de papangu, que fulano me mandou fazer, que disse que é de tradição e não pode se acabar. Vou ver se organizo e boto pra frente. Naquele tempo as crianças tinham medo de papangu. Hoje os papangus é quem têm medo das crianças. Ave Maria! Levei muita carreira de papangu. Hoje as crianças não têm medo de papangu não.

Alonso: Elas metem o cacete...

Cheirim: ...uma pedra. Roupas eram um paletó velho, usado, com calça comprida, sapato, bota... eu sempre saio de papangu. Todos os anos. Tem um amigo meu aqui que eu saio com ele e mais dois ou três, brincando. Papangu leva bolsa, mala na mão. Papangu também tem as histórias deles. História de trancoso. Inventava que

era médico, andava estudando medicina... história engraçada pro pessoal [rir]. Contava nas casas, contando anedota, que o pessoal achava engraçado. Tinha uns papangus perversos que andavam com chicote, não eram todos. Eu brinquei muito com papangu, meu pai também, mas ele nunca bateu em criança não. Quando eu saía de papangu, botava um litro de cachaça dentro de uma bolsa. Que aqui tinha um engenho, a cachaça era daqui. Muito papangu botava um litro na bolsa, tomava 4 ou 5 doses, aí o sangue esquentava e metia a peia nos meninos. Naquele tempo tinha uns papangus perversos. Eu não apanhei porque corria. O cara tava melado, mas se agora o cara fizer isso vai preso. É por isso que os meninos hoje em dia não têm mais medo de papangu. Ali tem umas máscaras, já saí duas vezes com ela, dois anos já (Diálogo realizado em: 24/02/2022).

‘É de tradição e não pode se acabar’, sinais dos tempos essa declaração. Antigamente alguns papangus batiam em crianças, mas hoje em dia os papangus não batem em crianças, é mais fácil o contrário ocorrer⁴. Eis aí mais mudança. Chamo a atenção para a prática que os papangus tinham de beber quando saíam nas ruas: o álcool junto à reação de medo das crianças atiçava os papangus que usavam chicote, tentando acertá-las. Mas hoje, se o cara fizer vai preso, diz Cheirim.

Pelo seu relato, a ameaça da ‘peia’, como se chama no bom e velho cearencês, fazia parte da performance dos papangus. A imagem que se tem dos papangus é uma imagem masculina, que causa medo e mistério, algo que comentarei posteriormente. Os tempos mudaram, não temos dúvida, mas essa perda cultural ou de tradição é virtual, não é absoluta, pois, parafraseando Lavoisier, ‘na cultura nada se perde, tudo se transforma’. Assim, os papangus do Cumbe são um exemplo disso, de que a tradição antiga de um lugar pode ser retomada a qualquer momento, só precisa que as pessoas se organizem, ao invés de lamentarem a mudança dos tempos.

Logo, não existe perda absoluta, em termos culturais, de qualquer tradição, o que existe é uma suspensão prática ou interrupção de determinadas tradições, mas a memória social da mesma permanece e é transmitida. É exatamente essa memória coletiva que é mobilizada na retomada das tradições. Isso nos mostra o quanto as relações sociais são dinâmicas, sendo a sua única regra a mudança, o movimento e isso implica em perdas, ganhos, retomadas e reinvenções. Na esteira disso, mestre Cheirim continua superestimando o passado em suas falas ao recordar de outros folguedos:

Aqui tinha muita festa de tradição, tinha uma festa de São Sebastião, que era em janeiro, e a gente ia. Tinha um parque de diversão lá, tinha muita brincadeira e a gente ia. Isso era de ano em ano, as festas naquele tempo só eram por tradição. Todo ano, mas hoje tem festa todo dia. Eu fiz muito Judas, eu faço ainda ele. Quando chega encomenda eu faço, pra queimada dele. O Judas é na Semana Santa. O Judas

⁴ A questão do medo em relação aos papangus será pormenorizada mais à frente e é uma questão de maior importância para entendermos as mudanças sociais no seio dessa tradição.

era outra animação que nós tinha aqui, era uma tradição. Queimava ele de sábado pra domingo. Era muito animada a queimação de Judas. Nós fazia os atestados, era outra festa bonita. Atestado era assim: a gente fazia o Judas e deixava para cada pessoa um atestado. Antes de queimar o Judas tinha uma pessoa pra falar, de primeira era numa radiadora, que a pessoa falava. Dizia: 'Pra fulano não tenho nada o que deixar, deixo...' e dizia as heranças. Quando terminava de dizer aí queimava o Judas. Soltava fogos, naquele tempo chamava foguete. Um papocado medonho. Era animado (Diálogo realizado em: 24/02/2022).

O que ele diz sobre ter festa todo dia se refere ao costume que se estabeleceu de se agregar pessoas em torno de uma caixa de som, conversas e bebidas, sendo que antes essas aglomerações festivas tinham data certa para acontecer e estavam associadas às festas tradicionais de santos católicos. Portanto, parte dessa tradição festiva se alimentava do catolicismo popular local⁵. Com a licença da palavra, afirmo que o Cumbe ainda é animado, a animação não ficou no passado, só ganhou outros ares, outras formas. A queimação do Judas ainda acontece anualmente, como ocorreu em 2023, por exemplo. Houve a leitura do testamento e a queima do boneco e houve também o pau de sebo, que foi erigido na Palhoça da Luciana. Os folguedos continuam, bem como os papangus e os calungas.

Sigamos a narrativa de mestre Cheirim, mas adianto que a retórica de perda dele não é isolada e representa o parecer de vários/as quilombolas idosos/as da comunidade. Aquela nossa conversa rumo ao passado do Cumbe, em fevereiro de 2022, se deu ao som de grilos e de reggae ao fundo, que o áudio gravado captou. Ao se aprofundar em sua análise das mudanças culturais, mestre Cheirim nos revelou outras curiosidades:

A dança dos cacetes era feita no bloco de carnaval. Aqui tinha um bloco de carnaval que brincava os três dias. Ia pra Canoa, pra Beirada... no derradeiro dia brincava aqui, no lugar. Tinha uma parte que era dos cacetes. É com dois pauzinhos (ele pega alguns para exemplificar). Eram dois cordões. Quando eu batia aqui, o outro aparava aqui. As pancadas eram uma só. Tudo igual. Era muita gente. O bloco tinha umas cinquenta pessoas. Era como daqui até a casa. Tinha a contradança também, fazia uma volta, uma hora fazia o oito, uma hora fazia o nove. Todo mundo pegando um no ombro do outro. Era bonito o bloco de carnaval que tinha aqui. Se voltasse isso, Ave Maria, ia ser uma admiração medonha. Era bonito, essa parte dos cacetes era bonita demais. Tinha muita brincadeira aqui. Tinha também o bumba meu boi. Meu pai tinha um. Tinha bem uns quatro aqui, que era outra brincadeira também. Tinha a burrinha, o bode, tinha a ema. Lá em [SESC] Iparana tinha, quando nós fomos lá... presépio também. No do boi não tinha como saber quem era, que a pessoa fica embaixo do boi. Ele vê pelo negocinho assim, pelo olho. Agora da burrinha não, o cara fica de fora, agarrado na cabeça. Tinha tudo isso aqui. Quando tinha essas coisas, aqui era cercado, você tinha que pagar pra entrar, na portaria. Só pra ajudar mesmo, a comprar os trajos... era tudo brincadeira bonita, de tradição, que deixaram se acabar. Não se acabou no geral porque em outros cantos ainda tem, só que aqui tinha tudo, mas deixaram se acabar. Aqui não tem mais o bloco de papangu, foi o Paulo lá de Iparana que mandou eu fazer, para levar pra lá. Que todo ano nós vamos

⁵ A importância que o catolicismo popular tinha na comunidade também caiu, enquanto o número de evangélicos subiu.

a Iparana [para o Povos do Mar], em Caucaia, passar uma semana lá. Aí quer que eu faça o bloco pra levar (Diálogo realizado em: 24/02/2022).

Em síntese, o passado para ele era bonito demais. Como nos tempos atuais restam mais críticas do que elogios, podemos dizer que os dias de hoje são feios, em oposição aos antigos, que eram bonitos. Dessa forma, percebe-se a valorização das festas e folguedos tradicionais do Cumbe, porém além disso, há uma idealização desse passado, que beira à romantização. Ao falar, por exemplo, da facilidade que hoje se tem nos transportes, Cheirim afirma que isso melhorou muito a vida deles. Então, fora da retórica da perda de um passado idealizado e superestimado, deve-se reconhecer os ganhos que ocorreram. Percebe-se que a noção de tradição de mestre Cheirim, enquanto mestre da cultura, é uma noção preservacionista, meio que congelada no tempo, como se precisássemos preservar as coisas por elas mesmas, como se tivessem valores próprios, intrínsecos e não pudessem sofrer com as próprias dinâmicas sociais.

Passando à narrativa de outra interlocutora, essa retórica da perda também se pode ver na fala de Mazé. Maria José, mais conhecida como Mazé, é marisqueira e se orgulha disso, como contou em entrevista, é viúva, mãe, avó, nascida e criada no Cumbe. Mazé gosta de se arrumar, de se enfeitar e de conversar. Na entrevista que me concedeu ela nos diz o seguinte sobre os papangus:

Meu pai chegava e dizia assim: ‘Mazé’, a bodega⁶ lá na Canavieira, sabe onde é o Zé Partinha? Tem um bar lá, mas era uma bodega... ‘Mazé, vá na bodega’. No pinga do meio dia. Eu e meu irmão, ele se chamava José Raimundo. ‘Vá comprar farinha...’ e ele dizia o que era. Nós ia. Não tem aquele antigo colégio? Quando nós ia dobrando assim, lá se vinha uns três papangus, que eram os papangus mais antigos. Que era Sabino, eu lembro, Tapiriba e o outro eu esqueci. “Ah, meu Deus”. Era o fim da nossa vida, quando a gente via esses papangus. Olha, teve uma vez que o meu short ficou enganchado na cerca porque eu não consegui desenganchar. Fiquei só de calcinha. Na época eu tinha dez, onze anos. Com medo de papangu eu corria, eu tinha mó medo desses papangus. Os meus irmãos correndo me deixaram. Corri, ficou uma perna do short enganchada e eu consegui tirar a outra e corri. E eles atrás de mim. Pega, pega, não pega. Eu me meti debaixo de umas carnaubeiras que tinham umas casas de marimondo bem grande. Eles saíram e eu fiquei olhando, achando que eles iam me pegar. Quando dá fê, meus irmãos gritaram: ‘Mazé, tu tá aí; cala a boca que eles estão bem pertinho. Vem-te embora pra cá’. E nós ia por dentro dos matos e saía mais lá na frente. Quando nós ia bem disfarçados, lá se vem os papangus de novo. Era outro sofrimento. Caía dentro dos matos, era sofrimento quando era tempo de papangu. Ninguém nem botava a cara fora.

Eram os três papangus mais conhecidos. Era finado Sabino, Jonas e... o outro eu esqueci. Que eles se vestiam bem vestidos. Na cara era uma bolsa de palha, manga comprida, não dava pra ver nada, nada, para conhecer quem era. Muita palha de bananeira pelo corpo, as botas cheias de tiras. Eu sempre digo pra minha menina aqui: “Naquele tempo papangu se vestia bem”. Tinha chicote também, era perigoso.

⁶ No Ceará, a bodega é um pequeno comércio.

Era como se fosse de borracha. Naquele tempo podia dizer que era papangu, agora... Eles gritavam, eles só faziam assim Uuuhh, a pessoa olhava e corria, corria, corria. Ia deixar nós dentro de casa. Aí ficava na porta batendo palmas. Aí mamãe dizia assim: 'Vão se embora, que esses meninos tão com medo; vão se embora...' Tinha vez que papai chegava de sangue quente do sítio, já chegava dizendo: 'Vão simbora, vão, vão, vão; meus filhos tão com medo'. Eles só faltavam não sair da porta. Era sofrimento.

Teve um tempo que a gente nem via mais isso. Quando eu casei, até aparecia uns papangus pequeninhos. Eu vim ver papangu mais bem vestido aqui naquela festa que teve em João Paulo, numa carreata. Foi nesse dia que eu vi um papangu bem vestido, mas fazia muitos anos que eu não via papangu. Muitos anos, que eu não via. Um traje bem vestido, que não dava pra ver nada. Na época eu perguntava assim, quando eu era pequena perguntava pra mamãe: 'Que história era essa de papangu?' Mamãe dizia: 'Mazé, é uns homens que se vestem, ninguém conhece...' Porque hoje muitos não sabem se vestir, porque de longe já destaca quem é. Naquele tempo ninguém destacava quem era. Desses que fizeram lá em João Paulo, fizeram bem vestido, eu não conheci nenhum. Não conheci nenhum (Diálogo realizado em: 15/12/2022).

A narrativa é levemente cômica, mas o relato de Mazé dá conta da descontinuidade, em certos períodos, da tradição dos papangus ou deles na versão adulta, na versão mais tradicional, digamos assim. Outrossim, a comparação com o passado fica explícita quando ela critica a forma como hoje em dia alguns papangus se vestem. Enquanto alguém que sofreu na pele nos dias dos papangus antigos, ela os compara com os papangus atuais e assevera que um papangu bem vestido 'não existe mais'. Essa tradição que se manteve por alguns anos por jovens e crianças e não por adultos indica a necessidade de continuidade e reinvenção da mesma. Se os adultos não estão disponíveis para essa brincadeira, os mais jovens e as crianças estão. Ainda bem.

Nessa atualização etária dos papangus os jovens trabalham com referências do seu tempo, portanto, a estética dos papangus mais jovens e das crianças é diferente da estética dos papangus mais antigos, como podemos ver não somente em relatos, mas também em imagens de apresentações dos papangus, bem como durante as oficinas de elaboração de máscaras que são coordenadas anualmente por Cleomar. Na apresentação que vi em 2023 e em fotos a que tive acesso, percebe-se a diferença estética entre papangus jovens e adultos. Não só Mazé, como outras pessoas entrevistadas, nos forneceram o elemento principal do papangu tradicional: o mistério, o não ser reconhecido pelas pessoas com aquela fantasia. Por isso que a vestimenta e a performance são tão importantes, pois delas dependem a eficácia social da brincadeira dos papangus.

Retomando as informações da fala de mestre Cheirim, entre os folguedos do período da Semana Santa, por exemplo, se destacam o pau de sebo com direito a premiação, a leitura do testamento de Judas e a queima de um boneco que simboliza o apóstolo traidor. Nesse

sentido, publicações no Instagram de Luciana foram feitas, em 2023, para divulgar a realização desses folguedos em seu estabelecimento, como se pode ver na imagem:

Imagem 2 - Print de um story publicado no perfil pessoal de Luciana.



Fonte: Ozaias Rodrigues, acervo pessoal, 2023.

A descrição desses folguedos nos foi fornecida pelo mestre Cheirim anteriormente. Mesmo que ainda não tenha conseguido participar desses folguedos, gostaria de deixar esses registros para posterior aprofundamento dessas expressões tradicionais do Cumbe, sobretudo a partir de uma descrição pautada na observação em campo. Os folguedos de antigamente são sempre lembrados pelos/as mais velhos/as com saudosismo, porém, alguns deles ainda permanecem como práticas culturais, embora não com a mesma força e engajamento das pessoas. Mazé e Cheirim são quilombolas que demarcam bem os tempos do passado, sobretudo quando falam das festas e brincadeiras de seu tempo.

A tradição festiva no Cumbe se expressa também nas festas juninas. No mês de junho em que se comemora pelo menos três santos católicos, fogueiras, dança, bandeirolas, comida

e música não podem faltar. Foi assim em junho de 2023 quando participei de várias dessas festas juninas. Havia comida farta, sendo muitas à base de milho, como mungunzá, milho cozido ou assado, cuscuz, canjica, pamonha, bolo de milho, além de creme de galinha com arroz e farofa, cocada e arroz doce. Tinha gente dançando, bebida, música alta, conversas e risadas. Dois dos arraiás que participei foram improvisados, de última hora. Dançamos quadrilha improvisada até suar e cansar, formando pares, batendo palma e pulando ao grito de ‘olha a cobra!’ O sorriso ficou estampado no rosto de quem brincava, mas também no de quem só assistia a essas quadrilhas espontâneas.

Por fim, ressalto que esses folguedos, festas e brincadeiras, as de hoje e de antigamente, reforçam o que descrevi como espírito festivo do Cumbe (Rodrigues, 2024), sendo algo reconhecido por pessoas de fora e de dentro da comunidade. Seja no passado ou no presente, sempre há espaço para festas e brincadeiras. A alegria continua, bem como a vida e permanece sendo expressiva nas práticas sociais dos/as quilombolas. Algumas coisas se perdem, é verdade, mas essa alegria se reinventa com o passar do tempo e das gerações.

Sobre papangus, carnaval e tradição

Imagem 3 - Apresentação dos papangus do Cumbe no evento Povos do Mar.



Fonte: Ozaias Rodrigues, acervo pessoal, 2023.

Ao longo de várias conversas com Cleomar⁷, durante o mês de dezembro de 2022, tive uma ideia a partir de expectativas verbalizadas por ela em relação aos papangus do Cumbe: fazer um texto sobre os papangus a partir das memórias dos/as entrevistados/as durante a pesquisa. Ao ouvir Cleomar falar várias vezes dos papangus do Cumbe, resolvi perguntar sobre eles nas entrevistas feitas. Muita gente falou sobre eles, sobretudo os/as mais velhos/as, dos tempos de infância e adolescência. Mais uma vez eu estava me disponibilizando para contribuir com a associação quilombola, depois de contribuir elaborando uma resposta a um contra laudo sobre a identidade quilombola do Cumbe (Rodrigues, 2024).

⁷ Durante a pesquisa, com a exceção de duas interlocutoras, todas/os as/os outras/os, preferiram ser identificadas/os com seus nomes próprios. Para o caso dessa exceção, foi acordado com a primeira interlocutora que ela fosse identificada com um outro nome, tendo aceitado o nome que sugeri: Dona Matilde, o nome da mãe do Dragão do Mar (Francisco José do Nascimento). Porém, quando a versão final da tese ficou pronta e Matilde a olhou, pediu que eu mudasse a sua identificação. Eu me comprometi a fazer essa alteração nas publicações que farei a partir do material da tese. Por isso, aqui, como em futuras publicações, Dona Matilde assume o seu nome pessoal: Cleomar, que é pescadora, marisqueira, mãe, esposa, avó, artesã, ambientalista e defensora dos direitos humanos e uma das lideranças quilombolas da comunidade do Cumbe. Cleomar me recebeu em sua casa, durante as estadias em campo e, por conta disso, foi a interlocutora com quem mais convivi no Cumbe (Autor, ano).

Ao longo do mês de dezembro de 2022, no qual fui colhendo as memórias dos/as interlocutores/as, fui escrevendo um texto sobre os papangus, com autoria principal da Associação Quilombola do Cumbe e coautoria minha. O texto rendeu quase três páginas e na noite daquela quinta-feira em que a armação dos meus óculos quebrou (Rodrigues, 2024), nos reunimos no prédio da associação quilombola para ler o texto, sugerir alterações, exclusões e incrementos. A aprovação da coordenação da associação foi geral e fiquei contente em poder contribuir novamente com eles/as. Nesse sentido, reproduzo aqui o texto final, que ficou assim:

OS PAPANGUS DO QUILOMBO DO CUMBE/ARACATI: TRADIÇÃO QUE SE RENOVA

Associação Quilombola do Cumbe e Ozaías da Silva Rodrigues

Ninguém sabe de onde eles vieram, se é que precisam vir de algum canto. Não se sabe como surgiram os papangus, até porque podem haver várias versões sobre suas origens, mas isso é um detalhe menor diante da alegria e das memórias que os papangus evocam nos quilombolas do Cumbe. Eles são encarnações vivas de memórias de meninos e meninas que hoje são idosos, adultos e adolescentes. Sempre relacionados ao período do Carnaval, essa festa profana que não deixa de ter seu caráter sagrado, os papangus aparecem misteriosamente pelo povoado do Cumbe nos dias de Carnaval. Às vezes na véspera, mas sempre nesse período - como é até hoje.

Até oficina de elaboração de máscara de papangu já teve na comunidade. A tradição se renova, pois hoje em dia jovens e crianças já saem como papangus no bloco karambolas. Houve um período em que os mais velhos deixaram de sair de papangu e aí os jovens e as crianças saíram por si próprios, para brincar o Carnaval e manter a tradição. É obrigatório ter papangu, se não, não tem Carnaval; alguma coisa fica faltando. De primeira, muitos dos que saíam de papangus eram homens adultos, mas hoje em dia já tem mulher também no meio, além de crianças e adolescentes.

Os papangus se explicam, ou melhor não se explicam, pelo mistério que os envolve. Talvez isso nos mostre que não devemos nos preocupar com suas origens cronológicas ou míticas, mas com a sua presença, como parte da tradição deste lugar. Tradição essa que se renova, afinal, os papangus do passado não são os mesmos dos de hoje e nem se vestem de forma igual. Mas a tradição que não se renova está fadada a ser um espelho borrado do passado, por isso os papangus ao mesmo tempo em que apontam para o passado, falam do presente, falam do que o Cumbe é hoje enquanto uma comunidade quilombola pesqueira.

Percorrendo os caminhos das memórias valiosas dos moradores quilombolas de nossa comunidade, desde os mais velhos aos mais novos, podemos ter uma noção melhor do que são os papangus. Começamos por Cleomar, que nos informa sobre o período em que os papangus surgiam caminhando pela comunidade, assustando crianças e adolescentes: sempre no Carnaval. Hoje em dia, os papangus estão dentro do bloco dos karambolas. Eles são o destaque desse bloco e do Carnaval no Cumbe. Um documento elaborado pela Associação Quilombola do Cumbe, que trata desse bloco, informa que:

Na tradição quilombola do Cumbe, durante o Carnaval, um grupo de homens se fantasiam de Papangu (personagem misterioso do carnaval do Cumbe), onde sua identidade não pode ser revelada; que durante os dias de folia saem pela comunidade brincando carnaval, causando medo nas crianças e até adultos. Criando, desta forma, um clima de mistério entre os brincantes de revelar a identidade das pessoas que se fantasiam de Papangu (Bloco Karambolas do Cumbe, s.d.).

Assim, o mistério é o principal elemento surpresa dos papangus, seja por não saberem quem são eles, seja porque eles aparecem repentinamente. Um outro morador, Tonys, comenta que os papangus metiam muito medo nas crianças, a ponto delas saírem correndo, desesperadas. Quando viam os papangus e eles diziam: “hey”, era um corre-corre sem fim. Zé Maria Bandeira, Cheirim, Sabino, Jonas, Tapiriba, Manoel Martins, Arthur Clemente, Dedé e Raimundo do Vale, eram alguns dos antigos que saíam de papangu; tinha uns seis homens, oito e às vezes mais, que saíam. Eles se juntavam e combinavam, na véspera de Carnaval.

Esse era o figurino dos papangus: roupas velhas, rasgadas, máscaras de bolsa de palha, pintadas, com

furos na região dos olhos, saco de estopa furado para colocar os braços, camisa velha de mangas longas, luvas, calças e sapatos velhos, botas, papelão, palha de bananeira, paletó velho, chapéu de palha e outras coisas; tudo era possível como parte do traje. Era uma fantasia toda cheia de detalhes, pesada e calorenta. Quem é que sabia quem estava por trás de toda aquela feiúra que assustava? Ninguém sabia, ninguém desconfiava.

E não era só criança que tinha medo não: até as mulheres casadas ficavam com medo deles. Mas os homens, os maridos das mulheres, que já sabiam o que eram os papangus, chamavam eles para bater um papo e tomar uma cachaça. “*Ei, mah, bó tomar cachaça*”, “*Vamo sim*”. As pessoas podiam até olhar pelas frestas, pelos buracos da roupa, mas não conseguiam identificar quem era. Às vezes, os papangus contavam baixinho, no pé do ouvido, para quem os convidava a beber, quem era que estava por detrás daquela fantasia toda. Mas tinha que manter segredo.

Eles também levavam chicotes que serviam para espantar os cachorros, que os estranhavam e corriam atrás deles. Os cachorros do Cumbe têm mais raiva de papangu do que de boi. Olha só! E esses chicotes serviam também para assustar crianças e adolescentes desavisados, como conta Chico de Lôra. Papangu também muda o andado e a voz para confundir as pessoas. Papangu adora dar carreira em criança, mas dizem que hoje em dia as crianças não têm mais medo de papangu. Será? Será? Tinham também uma bolsa que levavam para guardar água ou o que quisessem – água ou cachaça, por exemplo.

Papangu também assustava contando histórias de trancoso, daquelas engraçadas. Iam de casa em casa, contando várias anedotas para fazer o povo rir. Tinha uns papangus melados de cachaça que assustavam mais ainda e era criança correndo e chorando, procurando os pais, se agarrando nas pernas deles; se escondendo. Os papangus eram uma novidade medonha em outros lugares. Tinha deles que saía daqui do Cumbe para a Beirada, para os Córregos dos Rodrigues e da Nica, pro Fortim. É chão, menino! Eles passavam pela Canavieira também e outras localidades, mas brincavam mesmo era no Cumbe.

Eles urravam e gritavam para assustar e sempre fizeram parte dos blocos de Carnaval, para animar o pessoal. Entre o riso e o medo os papangus eram diversão garantida. Em sua brincadeira, eles contavam com os enfeitadores, como conta Márcio, que fazem o trabalho de dissuadir as opiniões sobre a identidade dos papangus. Esses enfeitadores desmentem os boatos sobre o que o pessoal diz, sobre quem seria aquele papangu. Eles distraem e enganam para manter o povo confuso.

Os papangus adoravam parar nas bodegas para conversar um pouco, puxar papo, contar história. Em suas andanças eles eram alimentados pelas pessoas da comunidade, como disse Dona Solidade. Tapioca, grude, café, broa, macaxeira, batata... o que tivesse o povo oferecia. Papangu era muito bem tratado, viu?! Em toda casa tinha o cumê deles e do povo da contradança. Dançavam nas ruas, nas estradas, ao som das sanfonas e outros instrumentos que conduziam o bloco. E se juntavam com gente da Canavieira para sair fantasiados. Todo ano tinha, era sagrado!

É bom ir para as dunas, se arrumar pelos morros e voltar para a comunidade. Se o cabra já sair de casa fantasiado todo mundo vai saber quem é, aí perde a graça. É ou não é? Ora não! O gosto dessa brincadeira é o mistério, fazer as pessoas especularem sobre quem é o papangu que estão vendo. As roupas e máscaras vão se alternando, de ano em ano, mas quanto mais feia for a máscara, quanto mais horroroso era o figurino, melhor ainda. É um bonito feio, como afirmou Sônia. Quanto mais feio era o papangu, mais bonito era. Como é que pode?! Criança quando via os papangus metia o pé na carreira; e eles iam atrás. Era um aperreio medonho.

E olhe que tinha criança que achava que era um bicho mesmo, do mato, quase uma assombração. Valei-me Nossa Senhora! Paus e pedras também faziam parte da fantasia dos papangus, sobretudo para espantar os cachorros, velhos companheiros deles. Os sons e os grunhidos serviam para distrair as pessoas, além de mancar no andado, a fim de que elas não tentassem identificar quem era o papangu, como lembrou Márcio. E não dava para ver nada, meu fi, podia apertar uzói à vontade. Não tinha como!

E tinha papangu, de antigamente, que batia em criança e aí só restava fugir ou se esconder por trás de algum adulto. Os adultos protegiam as crianças dos papangus, ao mesmo tempo em que brincavam com elas e estimulavam sua curiosidade sobre eles. Eles envolviam toda a comunidade por onde passavam. Bastava um ‘*uuuhhhh*’, que a criançada corria pela sua vida. Eita, minino. Os papangus iam deixar as crianças em casa. Aí chegavam nas casas batendo palmas e chamando o povo: “*Ôh, de caaasa...*”. Alguns adultos expulsavam eles dizendo: “*Vão simhora, meus fi tão tudo com medo*”. E eles iam, mas perturbavam que só, pense!

Eles causavam mó rebuliço e a criançada se ajudava na fuga, inclusive. Na correria se perdia chinela, roupa ficava enganchada em cerca, gente caía no chão, caía de cara na água... era uma correria medonha. “*Era o fim da nossa vida, quando a gente via esses papangus*”, comentou Mazê. Era um sofrimento só. Nessa hora era um salve-se quem puder. Pernas para que te quero. O mato servia de esconderijo, qualquer coisa servia, desde que se escondessem. Pouca gente ousava botar a cara fora de casa quando eles vinham pelas ruas. As crianças realmente achavam que eram bicho, uma assombração. Ave Maria!

Eles eram muito bem vestidos, para ninguém saber quem era. Quanto mais enganava o povo, melhor era. Dona Isabel conta que seu pai, João Marinheiro, saía de papangu e que se juntava com amigos e parentes, como seu irmão, Mundinho de Lôra, para se vestir. José Clemente e Chico Bandeira saíam também para brincar,

conta ela lembrando de sua infância. Eles iam nos blocos de Carnaval, passando pelas ruas da comunidade. E a criançada era se trancando dentro de casa, com medo. E os adultos dizendo que eles não faziam nada, que não precisava se esconder. Jura!

Papangu também vinha no bloco acompanhado da contradança, mais conhecida como dança dos cacetes⁸. Era uma animação só, com os músicos na frente conduzindo o povo. Dona Solidade conta que tinha dois blocos, tinha duas partes. Um era dos papangus e tinha músicos que iam na frente animando, como Joaquim Cego. Tinha fole, violão e pandeiro. E tinha pessoas fazendo a dança dos cacetes na frente, também puxados por música com sanfona. Saíam ao mesmo tempo, no começo da tarde e terminavam a brincadeira no final dela.

Dona Solidade diz que os papangus só bebiam quando terminavam a brincadeira. Mas eram tudo encapetado! Faziam muita graça com o povo. Quando eles iam passar pelas ruas, o pessoal tirava as coisas do varal e guardava o que tivesse na varanda. “*Hoje vai ter papangu*”, aí o povo corria para guardar as coisas, senão perdia. E nem podiam reclamar se esquecesse algo fora e eles levassem, porque isso fazia parte da brincadeira, afirma Dona Solidade. Era a pessoa procurar uma coisa e “*cadê?*” O canto mais limpo!

Porém os papangus dançam também, se divertem, contam histórias, fazem rir e brincam. Nem só de causar medo nos outros se vive um papangu. É ou não é? Essa tradição antiga foi renovada e hoje as crianças e adolescentes já crescem querendo ser papangus. Eles são presenças obrigatórias no Carnaval do Cumbe. Com essa nova geração, os papangus ganham outros sentidos, outros detalhes nas vestimentas, outros enfeites, materiais e referências imagéticas. Para cada tempo e lugar, há sempre um papangu (CUMBE; RODRIGUES, 2023 apud RODRIGUES, 2024).

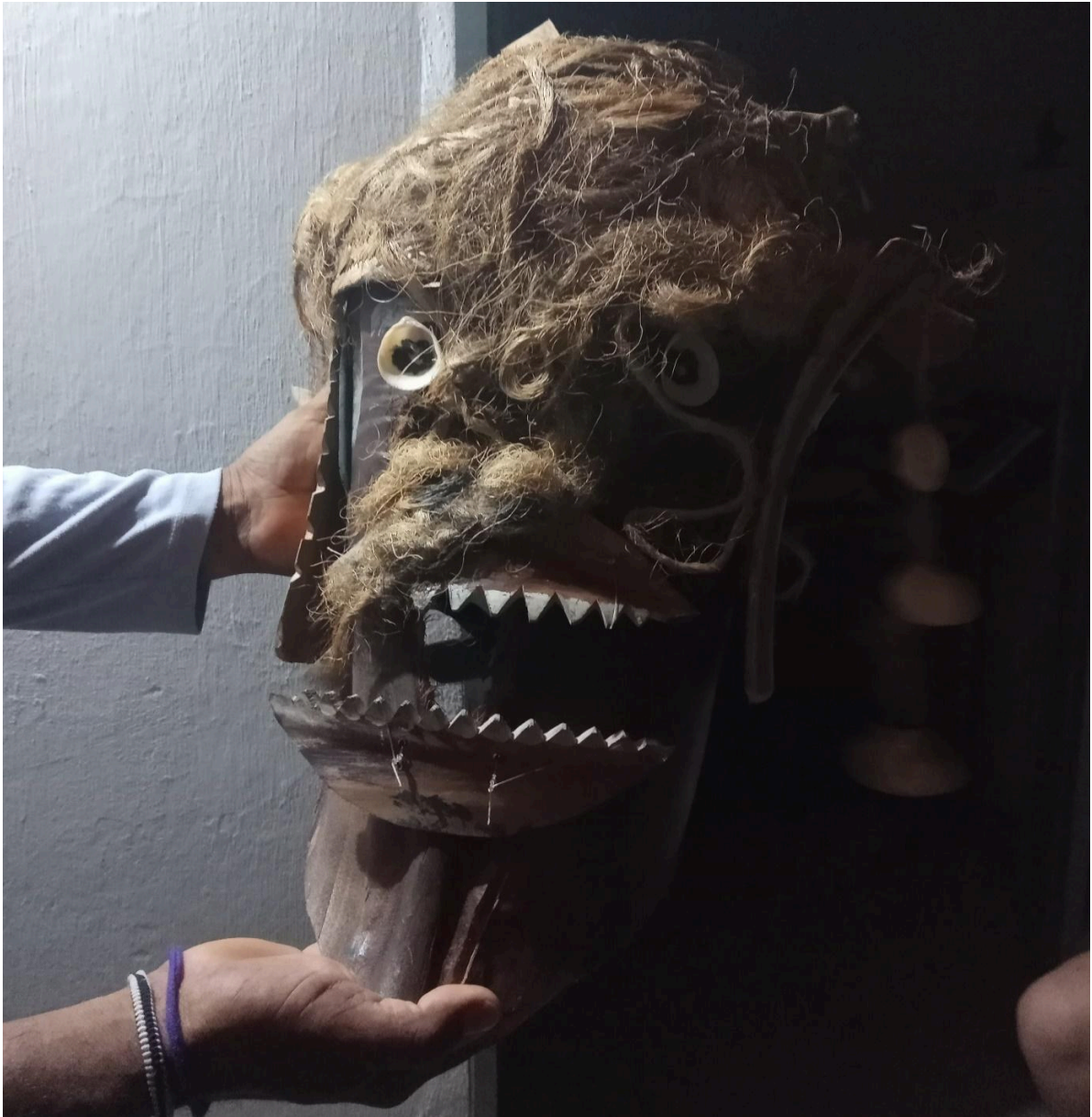
A leitura desse texto foi acompanhada de pausas para dúvidas, troca de impressões pessoais e risadas. O mais significativo para mim, naquela ocasião, foi ouvir de uma das interlocutoras presentes que eu tinha conseguido captar bem o significado dos papangus através daquele texto. Por questões óbvias, propus ser coautor do texto, mesmo o tendo escrito e colhido todas as informações, afinal, a matéria-prima é deles/as, são as memórias deles/as e eu apenas organizei e coloquei um verniz de história popular na narrativa⁹.

Para que o/a leitor/a possa visualizar melhor como são os papangus, coloquei na abertura deste tópico um registro fotográfico de uma apresentação dos papangus do Cumbe no evento Povos do Mar, de 2023. A seguir, coloco outro registro fotográfico, dessa vez, de uma máscara mais ao estilo tradicional do papangu:

Imagem 4 - Máscara de papangu apresentada por Márcio.

⁸ A dança dos cacetes, como o nome indica, era dançada com cacetes de madeira. Nesse sentido, havia um ritmo de dança e de golpes específicos a se executar, de forma que essa dança é, basicamente, idêntica ao conhecido maculelê. Essa dança pode ser lida como luta também, da mesma forma que a capoeira transita entre a dança e a luta.

⁹ O estilo do texto se deve à experiência que tive num projeto de extensão, quando conheci a comunidade do Córrego de Ubaranas. Uma das coisas que elaboramos no projeto, foi a contação de histórias e a escrita das mesmas, como causos populares. Baseado nessa experiência anterior, foi que escrevi o texto nesse formato de contação de história.



Fonte: Ozaias Rodrigues, acervo pessoal, 2022.

Os papangus são uma das manifestações culturais mais expressivas do Cumbe. No texto que escrevi com os/as quilombolas, alternei as formas temporais dos verbos para indicar essa dinâmica cultural entre as memórias dos/as mais velhos/as, enfatizando coisas que foram específicas dos tempos de primeira, como chamam, e as memórias mais recentes, que indicam a continuidade estética e cultural dessa tradição, além de apontarem as discontinuidades nessa manifestação cultural.

Sobre as mudanças em relação aos papangus, por exemplo, Tonys, um outro interlocutor, em entrevista assim comentou:

[...] eu não saía de papangu, porque era pequenininho. Se fosse hoje eu saía, que tem uns meninos que saem de papangu. Acho bonito e gosto, porque eles viam, mas não sabiam o que era o papangu. Ouvia o pessoal dizer e ficava perguntando ‘Como era o papangu, mamãe?’. ‘Meu fi, bota uma máscara na cabeça, bota uma roupa velha...’, sai uns cinco, seis. Eu fico assim ‘Rapaz, esses meninos...’. A tecnologia hoje tá avançada demais. Aí sai com uma lata velha, fazendo um zoadeiro medonho. Quando eu tinha onze anos de idade, que eu via um papangu, eu não morria porque Deus não queria, que a carreira era tão grande com medo... Olha, daqui pra aquela esquina. Eu vinha de acolá pra cá, pro Cumbe. Se eu chegasse aqui, visse um papangu e ele me via e dizia assim ‘Ei’. O quê, meu amigo? Isso era uma carreira medonha, eu pra cá e ele de lá pra cá. Eu entrava mangue adentro e ia sair lá na Ubaeira. Não tinha ninguém no mundo que me fizesse ir numa bodega. Hoje em dia os meninos não têm medo de papangu não. A gente ficava pra morrer, que o nosso coração ficava papocando, quase saindo pra fora. Tinha muito medo de papangu, macho. Aqui tinha uns papangus, que eram o pai de Cheirim, um homem lá da Beirada, José Maria Bandeira, o pai de Chico de Lôra também... quem eram os outros? Rapaz, tinha uns seis papangus no Cumbe. Eles se juntavam na véspera, juntavam roupa velha, máscara velha, de cangaço velho, pegava bolsa de palha, furava dois buracos assim [no rosto], só os olhos que ficavam pra fora, aqui embaixo amarrava de palha de carnaubeira, pra ninguém conhecer o pescoço. Aqui [no tronco] colocava aqueles sacos velhos de estopa, furava o saco [nas laterais], metia os dois braços e vestia uma manga longa velha, pra não conhecerem os braços. Botava luva velha. Quem era que sabia quem era? Calça e sapatos velhos, daqueles antigos. Era tão pesado, que eles quase que não podiam com isso tudo. Bota também [usava] (Diálogo realizado em: 23/12/2022).

É interessante apontar que com a renovação da tradição dos papangus, crianças e jovens passaram a compor essa tradição, dando novo fôlego e roupagem a ela. Portanto, uma das mudanças nessa tradição foi em relação ao recorte etário dos/as brincantes, pois antes só homens adultos e os mais velhos saíam de papangu. Hoje em dia, temos crianças (meninos e meninas) e jovens (meninos e meninas) que se vestem de papangu. Há uma tendência disso se fortalecer: incluir outras faixas etárias, além da adulta e da senil e incluir mulheres/meninas nas oficinas e nas apresentações de papangus, como ocorreu no Povos do Mar em 2023, onde duas mulheres do Cumbe se vestiram de papangu. Esse é um exemplo da dinamicidade dessa tradição, ao mesmo tempo em que o cortejo dos papangus não implica mais no mesmo medo, terror ou na mesma experiência de antigamente.

A narrativa de Tonys nos ajuda a perceber as mudanças e permanências ao longo do tempo no que se refere aos papangus. O ato de tomar cachaça, por exemplo, com muita liberdade, se coaduna com essa prática dos homens se reunirem em bares e bodegas para beberem cachaça e quando se vestiam de papangu não era diferente:

Rapaz, tinha deles aqui que saía para Beirada, por cima do morro. É chão. Tá doido? Se eu indo de pé limpo só falto não chegar lá, imagine o cara [vestido assim]. Eles iam. Quando eles chegavam lá, isso era uma novidade medonha. Mulher casada ia pra dentro de casa com medo. Assustava adulto e criança. Aí os homens, os maridos das mulheres, já sabiam, mais ou menos, o que era, chamavam os papangus. ‘Ei, vem cá, macho’ e o cara ia. Dois, três, quatro, cinco. ‘Bó tomar cachaça’. ‘Vamo sim’. Abria a garrafa ‘Toma cachaça aí, papangu’. O cara enchia o copo. ‘Quando

voltar passa aqui...’. O pessoal achando bom, que aquilo era novidade. Aquilo era carnaval. Hoje você não vê mais um carnaval que preste. Hoje é balada, mas antigamente era novidade, coisa boa, que você nunca tinha visto na sua vida. Mas hoje não existe mais. Os caras convidavam eles pra beber, junto com os caras. Eles iam até o fim do lugar, andando e bebendo. Quando encontravam os que bebiam nas bodegas, ouviam ‘vem cá, papangu, vem cá’. Os caras olhavam pelos buracos pra ver se conheciam. Uns olhavam pelos olhos, outros pelo pescoço, pra ver se conhecia quem era. ‘Rapaz, eu não tô conhecendo esse cara não’. Aí, diziam no ouvido do cara: ‘Rapaz, sou eu, cara’. ‘Mas é tu?’. ‘Cala a boca pro pessoal não saber’. E tome cachaça e encher o copo (Diálogo realizado em: 23/12/2022).

Esses detalhes indicam o quanto os papangus eram masculinos em sua performance. Os papangus de ontem, definitivamente não são os papangus de hoje. Neste relato e em outros, vemos uma performance de masculinidade se expressando, fortemente, através dos papangus. Quanto de afirmação social masculina havia nesses papangus? O que as afirmações sobre a perda de originalidade e autoridade dos papangus nos informam sobre esses novos tempos e as relações de gênero, por exemplo? Por que o medo e a figura da autoridade que podia bater em crianças se perderam aos poucos? Será que esse medo e autoridade não estavam associados diretamente à masculinidade dos papangus? Como enxergar a dinâmica dos papangus para além da retórica da perda e da “falta de originalidade” das gerações atuais?

Sobre a apresentação dos papangus no Povos do Mar, em uma reunião que os/as quilombolas tiveram com Paulo, do SESC Iparana, algumas questões bem interessantes nesse sentido das mudanças de tradição foram colocadas. Uma delas diz respeito à originalidade: Paulo sugeriu que máscaras atuais, de plástico e com referências culturais muitos ocidentais fossem evitadas na apresentação que os papangus fizeram no Povos do Mar de 2023. Os que estavam presentes concordaram com ele. Quanto mais antiga fosse a referência estética, melhor. A segunda coisa se refere ao que João do Cumbe colocou para Cleomar naquela ocasião: que ela deveria se apresentar, mas de papangua, um papangu feminino, no momento da apresentação dos papangus do Cumbe no referido evento.

A primeira questão, referente à antiguidade e originalidade de certos adereços e vestimentas, esbarra na velha questão de se preservar uma tradição por ela mesma, como se isso bastasse para ela desempenhar sua função cultural, à revelia das dinâmicas sociais. Nessa lógica, trocas culturais não são permitidas, pois a tradição deve-se manter original, quase intocável, sem alterações significativas – como uma continuidade do passado (Hobsbawm, 1997). Porém, quando as crianças e jovens de hoje em dia trazem suas referências para os papangus, elas/es estão trabalhando com suas referências culturais, com as referências de seu próprio tempo, assim como os mais antigos trabalharam com as referências de seu tempo.

Portanto, esta é uma questão que pode ser compreendida nos termos do relativismo e do etnocentrismo em torno de uma dada manifestação cultural que se quer pura, fixa no tempo.

Em segundo lugar: a questão sobre fazer papangus femininos. Ouvir essa sugestão nos indica que os tempos realmente mudaram. Dificilmente, penso eu, isso seria aventado nos ditos tempos de primeira, de antigamente, pois nenhum/a dos/as interlocutores/as sequer sugeriu essa possibilidade em suas narrativas. Ouvi bastante gente falando sobre os papangus das antigas e não ouvi ninguém falar em papangu feminino. Pois bem, os tempos mudaram e nesse sentido, algumas perguntas surgem: não seria melhor que alguma mulher se vestisse de papangu e performasse como qualquer outro homem, ocultando aí, inclusive, o seu próprio gênero e não apenas a sua identidade pessoal? Que impacto visual causaria nas pessoas quando as mesmas vissem um papangu esteticamente feminino? Elas ainda teriam medo ou só um papangu masculino é que inspira medo e autoridade? As pessoas ririam de um papangu feminino, ficariam indiferentes ou ficariam confusas ao vê-lo, como se estivessem tentando resolver, mentalmente, uma equação matemática difícil? Essas são algumas indagações que coloco para indicar a dinâmica dos papangus e o que essas mudanças podem significar.

Após narrar essas memórias e questões em torno dos papangus, agora podemos comentar sobre as chamadas ‘histórias de pescador’, que comecei a ouvi-las em minha segunda ida a campo – sendo identificadas pelos/as nativos/as por esse termo. Talvez ficar hospedado na casa de um catador de caranguejo, pescador e de uma marisqueira tenha ajudado nisso. Quando conta uma história de pescador, Cleomar começa dizendo: “No tempo em que os animais falavam... No tempo de Jesus, os animais falavam...” e segue o rumo de contar histórias a fio. E ela assevera: “Pessoal diz que é mentira, história de pescador, mas não é não... se tu observar direito tu vai ver como é assim”.

Essas histórias, que prefiro chamá-las com ‘his’ ao invés de ‘estórias’, com ‘es’, nos ajudam a entender o pensamento nativo e como o mesmo explica seu mundo. Muitas delas são atravessadas pela presença de animais e seres como Nossa Senhora e Jesus Cristo. Como Cleomar falou, “houve um tempo em que os animais falavam e a Nossa Senhora interagiu com eles”. Essas histórias são, a grosso modo, algo que pode ser definido como um folclore local, ou seja, as histórias antigas, míticas ou não, sobrenaturais ou não, que são transmitidas entre as gerações – é a tradição oral local. Essas histórias envolvem caranguejos, sapos, peixes, cachorros, galinhas e outros animais, além de seres humanos e sobrenaturais.

Considerações finais

A partir do que Hobsbawm (1997) escreve sobre as invenções das tradições, percebe-se que as questões postas por ele encontram eco nas tradições, memórias e histórias que narrei ao longo do artigo. Tradição tem a ver com passado e antiguidade, sempre tentando se manter, apesar da passagem dos tempos e das gerações. É de praxe que a tradição seja vista como mais antiga do que ela realmente pode ser, quase como um sempre foi assim. Nesse sentido, as falas de mestre Cheirim podem ser lidas como uma invenção das tradições do Cumbe, no sentido em que uma dada tradição é afirmada e valorizada como tal, mas somente na medida em que a mesma está ameaçada pelas mudanças sociais. Ou seja, se a tradição não estivesse em risco dificilmente seria colocada por ele dessa forma, apontando muito mais as rupturas do que as continuidades.

É como se para sobreviver a tradição precisasse dizer que está morrendo, ou nos termos de Hobsbawm (1997), seria “[...] um contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social...” (p. 10). Retomo aquele trecho no qual Paulo é citado e orienta aos quilombolas do Cumbe que evitem referências estéticas ocidentais. Ora, o que não seria isso a não ser uma maneira de enxergar a tradição como algo imutável, como algo que deve se preservar pura? Por que um homem não quilombola se sente confortável em dizer o que os quilombolas deveriam fazer ou não dentro de suas tradições? A questão é apenas a referência ao Ocidente ou há algo a mais nessa história toda, como uma idealização de uma tradição? Espero que tenha conseguido responder a essas perguntas com a discussão que aqui propus.

REFERÊNCIAS

HOBSBAWM, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. IN: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A Invenção das Tradições**. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. 6ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Tempo e Tradição: Interpretando a Antropologia**. Anuário Antropológico. 9 (1): 191-203, 2018.

RODRIGUES, Ozaias da Silva. **“Possibilidade nos dias da destruição”: pandemia e a continuidade da vida entre remanescentes quilombolas do Cumbe - Aracati/CE**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2024.